

"N a estética e no pensamento *queer* leio o novo, a margem, a transgressão. Leio o espaço onde eu sempre quis estar". *Miguel Moreira*

O corpo e os seus ícones. Esta é a questão central de *Regina - The Ritual Wedding*. Um trabalho que pisa territórios de um ritual enraizado e que convoca o público para uma experiência nova, apelando ao interdito e a uma proximidade entre íntimos. A casa, antes do casamento. Depois, o encontro entre os noivos, entre Regina Fiz e Miguel Moreira. A mobília-escultura de Cassiano Branco - arquiteto modernista português -, ao estilo Art Déco, e outros símbolos da cultura portuguesa como o vestido, o véu, o ramo, a ourivesaria popular tradicional. Uma simbologia que reside no imaginário coletivo. Que nos diz respeito. Que nos associa com o momento. *Regina* é também um outro discurso: a transformação e o pensamento *queer* associados a uma ideia de uma sociedade livre. O espaço do corpo e da liberdade em uníssono. Uma peça que é resultado e processo. Resultado de uma experiência de vida - a de Regina Fiz - e de um processo de luta contra as normas sociais e políticas segregadoras. Um processo que questiona a identidade. Quem sou eu? Que relação existe entre mim e o meu corpo? Neste sentido, a obra levanta questões, rompe com a ordem.



Regina é um discurso crítico do pós-modernismo que destabiliza a imagem do hegemónico, da estabilidade, da heterossexualidade. Um discurso que abre espaço a subjetividades outras. É Regina que transporta Miguel nos seus braços e o deita - uma inversão clara da figura do noivo que transporta a sua noiva para o leito nupcial. A rejeição de uma visão totalizadora e essencialista da linearidade dos comportamentos. Uma nova cultura do sexo que implica a recodificação da experiência. Há outros corpos que tocam o corpo de Miguel, não só o de Regina. Femininos e masculinos. Ambos lambem o corpo nu e deitado, coberto do que parece ser chocolate e que abre espaço à equivalência de todos os corpos sujeitos. O vazio

REGINA

ÚTERO ASSOCIAÇÃO CULTURAL

QUARTA 20 | 22H00
SEXTA 22 E SÁBADO 23 | 24H00
CAAA - CENTRO PARA OS ASSUNTOS DA ARTE E ARQUITETURA

WEDDING

ontológico da identidade e das suas políticas. Em *Regina - The Ritual Wedding* a masculinidade possui em si mesma a feminilidade. O discurso da sociedade contra-sexual e das estruturas de poder alternativas. Proliferam corpos, vontades, deleites e gramáticas de intimidade. Uma linguagem de teor pós-pornográfico que põe em causa a validade do "género". Uma multiplicidade de corpos que combatem a construção instituída de "normalidade" e "anormalidade". O que reconhecimento de mim aqui e agora? Esta proximidade necessária faz com que a peça tenha sido pensada para ser apresentada a um grupo reduzido de pessoas, não mais de cinquenta. Ganha-se universalidade sem que se perca o intimismo.

"(...) In queer aesthetics and thought, I read the new, the edge, the transgression. I read the place I have always wanted to be." *Miguel Moreira*
The body and its icons - this is the core question of *Regina - The Ritual Wedding*, a work which embarks upon the territory of a deeply-rooted ritual and which offers the audience a new experience, appealing to the forbidden and the closeness amongst intimates. We have the house, before the wedding. Next comes the meeting of the bride and groom, of Regina Fiz and Miguel Moreira. We have the sculptural furniture of Cassiano Branco, the Portuguese modernist architect and the Art Deco style, as well as other symbols of Portuguese culture, such as the traditional styles of the dress, the veil, the bouquet and the gold jewelry. The symbology resides in the collective imagination. It is what is ours, what connects us to the moment.

IA – THE RITUAL ING

O NOVO, A MARGEM,
A TRANSGRESSÃO
THE NEW, THE EDGE, THE
TRANSGRESSION

Regina is also another type of discourse: queer transformation and thought associated to an idea of a free society. It is the space of the body and the free space in unison, a piece which is the result of a process, the result of someone's life experience (that of Regina Fíz) and the struggle against social and political norms which cause segregation. It is a process which questions identity. Who am I? What relationship is there between

Direção **Miguel Moreira / Útero**
Cocriação **Regina Fíz** | Com **Regina Fíz e Miguel Moreira** | Pianista **Joana Cama**
Assistente de direção **Catarina Félix**
Guarda-Roupa **Teresa Louro**
Fotografias **Inês d'Orey** | Grafismo **Sofia Pimentão** | Filme **David Fernández e Gerard Gil** | Peça estreada em 2010 no Espaço Land, com o apoio da **Direção Geral das Artes / Ministério da Cultura**
Apoio Centro Cultural Vila Flor / Guimarães | Agradecimentos **Centro Cultural Vila Flor / Guimarães, CAAA, Marta Oliveres, Manuela Marques, Tomé Simão, Sandra Rosado e Romeu Runa**

Duração 45 min. aprox. s/intervalo
Maiores de 16 anos

myself and my body? The work raises questions about these points and breaks with order.

Regina is a post-modernist critical discourse which destabilizes the image of hegemony, stability and heterosexuality, a discourse which opens up a space for the subjectivity of others. It is Regina who carries Miguel over the threshold and lays him down – in a clear inversion of the figure of the husband who takes his bride off to the wedding bed. This is a rejection of an all-encompassing and core-essence-minded linearity of behaviors, a new culture of sex which implies the recodification of experiences. There are other bodies which touch Miguel's body, not just Regina's, and both women's and men's. They all lick at the naked, reclining body which seems to be covered in chocolate, thus opening up the space for an equivalency of all bodies. The ontological emptiness of identity and its politics.

In *Regina – The Ritual Wedding*, masculinity possesses a type of femininity. We have the discourse of the counter-sexual society and the structures of alternative powers. Bodies abound, as well as desires, delights, and the grammar of intimacy. Post-pornographic language questions the validity of "gender." A multiplicity of bodies fights for the construction of "normality" and "abnormality."

What do I recognize of myself here and now? This necessary closeness to the performance means that the show will be limited to a small audience, of no more than 50, and in so doing, universality is gained without any loss of intimacy.



e Inês d'Orey